

A Revista HISTEDBR On-line publica artigos resultantes de estudos e pesquisas científicas que abordam a educação como fenômeno social em sua vinculação com a reflexão histórica

Correspondência ao Autor

Nome: Carlos Alberto Lucena
E-mail: lucenabonsais@gmail.com
Instituição: Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Submetido: 04/10/2021

Aprovado: 22/05/2022

Publicado: 09/11/2022

doi 10.20396/rho.v22i00.8667198

e-Location: e022031

ISSN: 1676-2584

Como citar ABNT (NBR 6023):

LUCENA, C. A. et al. Educação e política na obra de V. I. Lênin. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 22, p. 1-17, 2022. DOI: 10.20396/rho.v22i00.8667198. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8667198>. Acesso em: 9 nov. 2022.

Distribuído Sobre



Checagem Antiplágio



EDUCAÇÃO E POLÍTICA NA OBRA DE V. I. LÊNIN

-  **Carlos Alberto Lucena***
Universidade Federal de Uberlândia
-  **Mário Borges Netto****
Universidade Federal de Uberlândia
-  **Robson Luiz de França*****
Universidade Federal de Uberlândia
-  **Adriana C. Omena dos Santos******
Universidade Federal de Uberlândia

RESUMO

Este ensaio discorre acerca da indissociabilidade entre a educação e a política proposta na obra de Lênin. Recupera o contexto e a construção do socialismo russo como expressão das propostas concretas da emancipação de todo o proletariado explorado pelas formas reprodutivas do capital expressas no modo de produção capitalista. Nesse sentido, a educação é uma ferramenta política com dimensão educativa. Elaboramos nossas reflexões em dois períodos. O primeiro deles é relativo aos textos inerentes à pré Revolução de outubro de 1917, período em que Lênin define a tese à qual os comunistas constituirão a vanguarda do proletariado, assumindo a função tanto organizativa como formativa da classe. O segundo voltado a Lênin enquanto líder de Estado proletário, destacando a centralidade da unicidade entre a educação e a política. Objetivamos por fim, demonstrar a vitalidade e o legado do pensamento político revolucionário.

PALAVRAS-CHAVE: Lênin. Educação. Bolcheviques. Revolução Russa. Comunismo.

EDUCATION AND POLITICS IN THE WORK OF V. I. LÊNIN

Abstract

This essay discusses the inseparability between education and politics proposed in Lenin's work. It recovers the context and the construction of russian socialism as an expression of concrete proposals for the emancipation of the entire exploited proletariat through the reproductive forms of capital expressed in the capitalist mode of production. In this sense, education is a political tool with an educational dimension. We elaborate our reflections in two periods. The first of them is related to the texts inherent to the Pre-Revolution of October 1917, a period in which Lenin defined the thesis to which the communists would constitute the vanguard of the proletariat, assuming both the organizational and formative function of the class. The second focused on Lenin as the leader of a proletarian state, highlighting the centrality of the unity between education and politics. Finally, we aim to demonstrate the vitality and legacy of revolutionary political thought.

Keywords: Lenin. Education. Bolsheviks. Russian Revolution. Communism.

LA EDUCACIÓN Y LA POLÍTICA EN LA OBRA DEL V. I. LÊNIN

Resumen

Este ensayo trata de la inseparabilidad entre educación y política propuesta en la obra de Lenin. Recupera el contexto y la construcción del socialismo ruso como expresión de propuestas concretas para la emancipación de todo el proletariado explotado a través de las formas reproductivas del capital expresadas en el modo de producción capitalista. En este sentido, la educación es una herramienta política con dimensión educativa. Elaboramos nuestras reflexiones en dos periodos. El primero de ellos está relacionado con los textos inherentes a la prerrevolución de octubre de 1917, período en el que Lenin definió la tesis de que los comunistas constituirían la vanguardia del proletariado, asumiendo tanto la función organizativa como formativa de clase. El segundo se centró en Lenin como líder de un estado proletario, destacando la centralidad de la unidad entre educación y política. Finalmente, nuestro objetivo es demostrar la vitalidad y el legado del pensamiento político revolucionario.

Palabras clave: Lenin. Educación. Bolcheviques. Revolución rusa. Comunismo.

PREÂMBULOS

A Revolução Russa foi um dos mais importantes processos sociais da história. Elaborada processualmente em base material manifesta pela contradição entre a riqueza da nobreza e a pobreza imperante da maioria da população na Rússia, potencializou utopias, sonhos e promessas de emancipação social.

A Rússia passava por um processo de descoberta de matérias-primas e crescente industrialização merecendo destaque o papel geopolítico da Sibéria. O século XIX é fundamental no debate sobre as relações entre a Rússia e a Sibéria. Foi desse mesmo século que os recursos minerais que atualmente correspondem a cerca de 85% das reservas russas foram descobertos, e, ao mesmo tempo, também teve início a industrialização na região. Ocorria um amplo processo de transição em curso no período em questão. A soberania russa na região se explicava nas transformações do modo de produção capitalista e os desdobramentos do imperialismo, o qual a conquista de novos mercados e acesso a matérias primas era fundamental para uma posição preponderante na geopolítica mundial.

A construção da Ferrovia Transiberiana, entre os anos de 1891 e 1905, voltada a interligar a Rússia Europeia ao extremo oriente do país se explica nesse processo. O crescimento da industrialização ocorreu às margens dos seus mais de 9200 km de trilhos, transformando-a no principal recurso para o escoamento da produção. A construção da Ferrovia proporcionou a chegada de milhares de imigrantes russos à Sibéria, consolidando o domínio russo no período em questão. Ao mesmo tempo em que a ocupação russa estava em expansão, a Sibéria se transformava em um espaço de exclusão política imposto pelos Románov.

A Sibéria crescia em termos de produção e, ao mesmo tempo, se transformava em um local composto por um exército crescente de exilados, cuja composição se dava em torno de inimigos políticos do czarismo. Entre esses inimigos políticos, merece destaque a presença de Vladimir I. Lênin (1870-1924), entre outros. Essa afirmação não se dá ao acaso. O exílio na Sibéria de lideranças revolucionárias vinculadas ao Bolchevismo acabou por transformar a região em um espaço para a construção de ações revolucionárias que desencadearam a revolução russa em 1917. A Sibéria transformara-se em um palco para a expansão da revolução, visto que muitos dos seus líderes que ali estavam vinculados, foram fundamentais para a derrubada da dinastia dos Románov.

Foi na construção de um processo revolucionário marcado pelo acirramento das contradições que Lênin proferiu discurso político convocando os excluídos russos a se mobilizar como forma de superar a opressão imposta pelo Czarismo.

Camaradas operários! [...] Todos os que trabalham, os que com seu trabalho sustentam os ricos e os nobres, os que vivem trabalhando por um mísero salário até esgotar suas forças e sem chegar a desfrutar dos produtos do seu trabalho, os que vivem como bestas de carga no meio do esplendor e o luxo de nossa civilização, se dão as mãos para lutar pela libertação [...]

dos operários. [...] Judeus e cristãos, armênios e tártaros, polacos e russos, suecos e finlandeses, letões e alemães: todos, todos marcham unidos sob uma só bandeira, sob a bandeira comum do socialismo. (FREITAS, 2005, p. 26).

A revolução bolchevique foi entendida em âmbito internacional como a negação e maior ameaça da existência do modo de produção capitalista. A exploração de uma classe social por outra, baseada na constatação de Marx do processo de “vampirização” de uma pequena parcela da humanidade sobre a ampla maioria dos seres humanos, fundamentou a ação de Lênin e os bolcheviques em desenvolver uma tese que causou penúria à burguesia dos países centrais e periféricos. A degradação das condições de vida e pobreza dos trabalhadores só seria superada com o fim do capitalismo e suas classes dirigentes. Segundo Freitas (2005, p. 59), fica claro no pensamento de Lênin que

[...] para por um fim à miséria do povo não há outro caminho senão trocar de cima para baixo o regime existente [...] e implantar o regime socialista, é dizer, quitar, arrebatar dos latifundiários suas propriedades, aos industriais suas fábricas e aos banqueiros seus capitais, suprimir sua propriedade privada e colocá-la nas mãos de todo o povo trabalhador.

A situação de dominação e exclusão dos trabalhadores se explicava a partir de três perguntas formuladas à burguesia:

- 1) Podem os trabalhadores urbanos e rurais, o povo em geral, livrar-se definitivamente do fenômeno da fome quando quatro quintos das terras cultiváveis deste país estão nas mãos de umas poucas famílias de latifundiários?
- 2) Podem livrar-se da fome e da penúria quando a burguesia fundiária continua cada vez mais oprimindo os camponeses pobres e enriquecendo-se com o trabalho alheio?
- 3) Podem livrar-se da fome e da penúria quando a principal força que impulsiona a sociedade é “o dinheiro”, onde tudo pode ser comprado com dinheiro, inclusive os homens convertidos em escravos assalariados? (FREITAS, 2005, p. 59).

A revolução de 1917 foi um marco para a construção de uma proposta comunista até então inédita na sociedade. Com a revolução bolchevique, Lênin assumiu o governo russo em um cenário de disputas internas e conflitos inerentes à 1ª Grande Guerra Mundial.

Um governo desesperado, em vez de dar lugar aos soviets, podia entregar Petrógrado ao exército alemão, já na fronteira norte do que é hoje a Estônia, ou seja, a alguns quilômetros da capital. Além disso, Lênin raramente hesitou em encarar os fatos mais sombrios. Se os bolcheviques não tomassem o poder, “uma onda de verdadeira anarquia podia tornar-se mais forte do que nós. Em última análise, o argumento de Lênin não podia deixar de convencer seu partido. Se um partido revolucionário não tomasse o poder quando o momento e as massas o pediam, em que ele diferia de um partido não revolucionário? A perspectiva em longo prazo é que era problemática, mesmo supondo que o poder tomado em Petrógrado e

Moscú pudesse ser estendido ao resto da Rússia e ali mantido contra a anarquia e a contrarrevolução. O programa do próprio Lênin, de empenhar o novo governo do soviéte (isto é, basicamente Partido Bolchevique) na transformação socialista da República russa, era essencialmente uma aposta na transformação da Revolução Russa em revolução mundial, ou pelo menos europeia. (FREITAS, 2005, p. 69).

O conselho revolucionário presidido por Lênin nacionalizou as indústrias e desapropriou os latifúndios. Instaurou a ditadura do proletariado, transferindo a capital russa para a cidade de Moscou. Aprovou a Primeira Constituição da República Socialista Federativa dos Soviets. “Em 1921, devido à grande crise social e econômica que atravessava a nova Nação Russa, que em 1922 seria rebatizada sob o nome ‘União das Repúblicas Socialistas Soviéticas – URSS’, Lênin estabelece a política econômica conhecida como ‘NEP’ ou *Nova Economia Política*.” (FREITAS, 2005, p. 22-23). Somou-se a essas ações a instauração da reforma agrária, a extinção dos títulos de nobreza oriundos do czarismo, nacionalização de bancos privados e investimentos estrangeiros, criação do Exército Vermelho, instauração da ditadura do proletariado presidida pelo Partido Comunista que se transformou no único partido do país.

Com o advento da revolução russa, o czarismo, com apoio dos países centrais capitalistas, instaurou uma guerra civil contra o governo bolchevique com milhares de mortos pelos combates, pela fome, pelas doenças e pela repressão violenta. Só os Estados Unidos enviaram 13000 soldados no verão de 1918 para se somarem ao Exército Branco objetivando, sem sucesso, sufocar a revolução russa. A guerra se estendeu até o final de 1921, quando o exército vermelho, sob o comando de Leon Trotsky, derrotou os setores conservadores revoltosos.

O fim da guerra civil trouxe problemas à Rússia. O crescimento da fome, a devastação das lavouras e o atraso tecnológico colocaram aos bolcheviques a necessidade material em utilizar formas produtivas capitalistas para elevar a produção e o equilíbrio econômico e social no país. Esse foi o contexto da entrada do taylorismo na Rússia acompanhada pela liberalização de atividades comerciais entre os camponeses.

A revolução comunista na Rússia representou uma mudança no equilíbrio e nas disputas econômicas e políticas em âmbito mundial. O avanço do comunismo em âmbito internacional influenciou movimentos sociais, mobilizações de rua, greves e manifestações. A possibilidade da expansão do bolchevismo pela Europa acirrou críticas em âmbito internacional. Essas críticas foram elaboradas por diferentes atores, merecendo destaque os setores civis e religiosos. Uma forte propaganda anticomunista ganhou corpo em âmbito internacional, sustentadas na suposta crueldade, ineficiência e satanismo do sistema bolchevique.

Lênin criticou as relações entre o partido operário e a religião. Os comunistas deveriam negar a religião como princípio existente em suas vidas. A influência de Feuerbach e Marx no pensamento de Lênin sobre a religião foi notável¹. A religião como o “[...] ópio

do povo [...]”,

[...] constitui a pedra angular da concepção de mundo marxista no tocante a questão religiosa. O marxismo considera sempre que todas as religiões e igrejas modernas, todas e cada uma das organizações religiosas são órgãos da reação burguesa chamados a defender a exploração e embrutecer a classe operária. (FREITAS, 2005, p. 178).

No que se refere aos pontos de marxismo, religião e teologia da libertação, cabe dizer que a questão religiosa esteve presente nos estudos e análises desenvolvidos pelo marxismo desde o início. De maneira mais específica, no entanto, é possível recorrer a Michael Löwy para afirmar que há uma caricatura acerca de um comunismo ateu, demonizando a fé, religião etc. Tal pensamento ganhou proporção a ponto de virar algo como um rótulo de quem é comunista não professa fé não tem religião etc. De certa forma, no entanto, trata-se de um equívoco que a própria história demonstrou ao longo dos anos.

LÊNIN E SEUS ESCRITOS EDUCACIONAIS

Vladimir Ilyich Ulyanov, mais conhecido por seu pseudônimo, Lênin, certamente foi o mais proeminente e influente líder bolchevique. Ajudou a construir o Partido Operário Social-Democrata Russo (POS DR) e o dirigiu na Revolução de Outubro de 1917, que elevou o proletariado ao poder na Rússia, tornando o primeiro Estado socialista no mundo. Sua capacidade de desenvolver em nível da militância suas habilidades teóricas, expressando o marxismo de forma unitária, teoria e prática, pensamento e ação, levou György Lukács a considerar Lênin “[...] o único teórico à altura de Marx até agora já produzido no interior da luta de libertação proletária.” (LUKÁCS, 2012, p. 33).

Sua obra expressa suas reflexões e análises sobre a realidade concreta da Rússia de seu tempo, pré e pós revolução de 1917. Ante a necessidade premente do proletariado construir o processo revolucionário, Lênin revitalizou a teoria da revolução do marxismo e acentuou a importância de a luta de classes ser dirigida por um partido coesamente organizado. Essa foi a tônica dos seus escritos sobre a educação, o papel formativo e organizativo do partido, a educação para fins políticos e a política como ferramenta educativa.

Sobre isso trataremos nesse texto, a indissociabilidade entre educação e política nos escritos de Lênin. Vamos abordar os escritos educacionais de Lênin na perspectiva do pensamento educacional, ou seja, enquanto fruto da atividade consciente do ser de fins teleológico e cognoscitivo. Os escritos educacionais serão entendidos como resposta teórica a uma determinada situação histórica. Nesse caso, diante de um problema social, o ser elabora um fim (nesse caso, resolver o problema pensado), que pressupõe um determinado conhecimento da realidade. Essa teleologia (fim produzido) assume dupla significação, por um lado, a negação (no sentido dialético, negar para superar) de um aspecto da realidade que se quer mudar e, por outro, afirmar outra realidade (no plano ideal) que ainda não existe,

mas se quer alcançar. A atividade teológica orienta e induz a atividade cognoscitiva, a produção de conhecimento para intervir no real. Nesse sentido, o problema impulsiona a produção do conhecimento, por isso, o pensamento aqui entendido como uma atividade dúplice, atividade teleológica (pois produz um fim a ser alcançado) e cognoscitiva (que pressupõe a elaboração de um conhecimento sobre a realidade para alcançar o fim). Para tanto, se faz necessário considerar o pensamento articulado com a situação histórica em que ele foi forjado e não como uma atividade e/ou um conjunto de ideias autônomas, senão circunstanciado e historicamente determinados. Nessa perspectiva, recorreremos aos contextos dos textos elaborados por Lênin para compreender seus sentidos e significados.

A obra de Lênin é vasta, composta por livros, brochuras, textos avulsos escritos no calor da hora de análise de conjuntura e textos de conferências. Selecionamos escritos educacionais que possuem as seguintes características: [1] a formação política como elemento central no debate educacional; [2] tenha o objetivo de instrumentalizar a classe trabalhadora com o que há de mais avançado no campo do conhecimento e da ciência, produzido pela humanidade. São textos anteriores a Revolução de Outubro de 1917, como “Que fazer?”, de 1902, e “Sobre a confusão entre política e pedagogia”, de 1905, como também, textos publicados por Lênin, em 1920, já na liderança da Rússia revolucionária, como, “Discurso na Conferência de toda Rússia dos Comitês de Instrução Política das secções de Gubérnia e Uezd da Instrução Pública”, “As tarefas das Uniões da juventude e Sobre a cultura proletária”.

Nosso propósito é demonstrar a íntima relação entre educação e política nos escritos de Lênin. Textos escritos em situações históricas, distintas no interior do processo revolucionário, contudo, carregam consigo a permanente tese acerca do caráter eminentemente político da educação. Compreendemos que os escritos de Lênin expressam a educação como meio para fins políticos e a política como ferramenta educativa. Para que a exposição de nossas ideias esteja de acordo com nossos objetivos, estruturamos o texto da seguinte forma: em um primeiro momento, apresentaremos os textos pré Revolução de Outubro de 1917, propondo demonstrar os encaminhamentos de Lênin em definir e defender a tese marxiana de que os comunistas devem constituir a vanguarda do proletariado e, por isso, deve assumir função organizativa e formativa da classe. Em um segundo momento, enquanto líder do Estado proletariado, destacar nos discursos de Lênin a potencialidade de se pensar e colocar em prática a unidade educação e política. Por fim, tecemos nossas considerações demonstrando a vitalidade e o legado de um pensamento político revolucionário.

I

Em março de 1902, foi publicado por Lênin a brochura “Que fazer? questões candentes de nosso movimento”. O objetivo era oferecer uma contribuição teórica ao II Congresso do POSDR, que seria realizado posteriormente. Havia uma disputa teórico-

organizativa no interior do partido. O que estava em jogo e que Lênin enfrentou teoricamente na brochura pode ser definido da seguinte forma: [1] o caráter e conteúdo da agitação política do Partido; [2] a tarefa da organização do Partido; [3] o plano para a criação de uma organização proletária centralizada para toda Rússia. O impacto do livro foi imediato e seu objetivo foi atingido. O resultado do II Congresso indicou a vitória das proposições defendidas por Lênin², quanto ao papel dirigente e o conteúdo da agitação política do partido na luta de classes do proletariado.

As preocupações e as análises de Lênin expressas em “Que fazer?” denotavam e denunciavam o caráter reformista burguês que crescia no interior do POSDR. Eram fortes as influências internacionais as quais o partido estava submetido, advindas principalmente dos debates teóricos internos do Partido Social-Democrata da Alemanha. Na segunda metade do século XIX, o Partido Social-Democrata da Alemanha iniciou um processo de mudança na doutrina partidária da esquerda para a centro-esquerda. Isso se deu pelo fortalecimento da crença no valor da política eleitoral e na conquista de vagas no parlamento alemão pelos representantes dos trabalhadores. Em 1877, o Partido Social-Democrata da Alemanha, no prazo de dois anos, já contava com 12 deputados no *Reichstag* e recebia 493 mil votos. Esses números foram crescentes ao longo de três décadas, chegando a 1.427 milhão de votos em 1890. (ENGELS, 2012). Seu programa enfatizava o socialismo de Estado, os meios políticos legais, as liberdades civis e a democracia.

Esses aspectos motivaram esforços de reavaliações e reformulações críticas das ideias de Marx e Engels no interior do Partido Social-Democrata da Alemanha, em particular, das que diziam respeito ao desenvolvimento do capitalismo e à natureza de uma transição para o socialismo.

Após a morte de Marx, o Partido Social-Democrata Alemão assumiu o materialismo histórico como ideologia oficial. Algo novo no partido, visto que em sua origem os seus integrantes contrapunham à dominação de classe, visavam a emancipação social dos operários, mas as suas linhagens eram diversas, que incluía desde o marxismo, passando por socialistas utópicos até chegar aos revisionistas e reformistas. Isso conduziu o partido a participar de um compromisso de assumir o proletariado como a classe revolucionária. Contudo, a medida em que foi obtendo êxito nas eleições e mais organizados se mostravam, a social-democracia foi se deslocando para o revisionismo. Passaram a defender a tomada do poder econômico e político do proletariado via sufrágio universal, democracia parlamentar e controle da esfera executiva do governo.

Em vista dos objetivos que foram sendo delineados para o partido, as tendências reformistas foram sendo estimuladas devido a dois fatores: [1] a necessidade dos apoios extraclasse proletária e coalizões com outros partidos para se conseguir avançar no sistema democrático parlamentar; [2] teorizar possibilidades de realização de reformas parciais no capitalismo, em vista de melhorias nas condições materiais e objetivas dos trabalhadores. As ideias de Eduard Bernstein ganhavam espaço no partido, conquistando a ala reformista, e

direcionando o debate para as estratégias políticas que se baseava em reformas evolutivas do capitalismo resultando no capitalismo.

Como destaca Przeworski (1989), a notoriedade das propostas de Bernstein não ocorreu de forma inopinada e desgarrada da realidade. As suas teses se fortaleceram conforme a política eleitoral do partido foi obtendo êxito. O principal alvo das suas críticas era a teoria do fim do capitalismo pelo colapso econômico, que havia passado a fazer parte da ideologia partidária. Bernstein defendia a tese da complexificação das relações de classe no capitalismo, o que resultara em um sistema social mais complexo e as diferenciações de classes mais tênues. O autor destacava o crescimento das classes médias e o crescente desenvolvimento do padrão de vida dos operários, para o qual melhorava. Segundo essa tese, a possibilidade de uma revolução violenta através do acirramento da luta de classes se tornava cada vez mais remota, haja vista as crescentes conquistas do proletariado no parlamento alemão. Em uma democracia liberal, o proletariado só avançaria no seu projeto político e de classe se adotasse estratégias mais reformista, legalista e se assumisse posições cada vez mais central. (PRZEWORSKI, 1989).

Apesar da notoriedade e espaço, as teses de Bernstein foram rechaçadas pelo Partido Social-Democrata Alemão. No entanto, sua fama evade as fronteiras alemã e aterrizam na Rússia czarista. Esse debate aos poucos foi identificando as iniciativas revisionistas como reformismo. A ênfase nas reformas imediatas no campo trabalhista e eleitoral, segundo Lênin, bem poderia diminuir as iniciativas e obscurecer os objetivos revolucionários do POSDR, pois exigiria concessões quanto aos objetivos finais do movimento socialista. Essa era a principal crítica dos marxistas revolucionários, pois acreditava que as táticas e propostas reformistas levariam ao crescente aburguesamento da organização do partido e que os trabalhadores afastariam cada vez mais do socialismo via revolução. Isso, sem falar da condição clandestina que o partido russo vivia, afinal, como enveredar para uma tática política eleitoral na clandestinidade?

Lênin constatou que tais ideias reformistas alemãs estavam sendo divulgadas e assumidas no POSDR e passaram a influenciar e orientar as ações partidárias. O caráter e conteúdo da agitação política e a tarefa de organização do Partido passaram a ser temas de profundos debates. De um lado, os reformistas, denominados por Lênin de economicistas, defendiam a luta política *tradeunionista* cotidiana em torno de pautas econômicas e relacionadas a relação capital *versus* trabalho. De outro, os revolucionários, socialdemocratas, que defendiam que a luta econômica era importante, mas não poderia se perder de vista a construção organizada e política da revolução social de cunho socialista.

Em disputa, o caráter espontâneo *versus* caráter consciente da organização do proletariado: a participação do proletariado nas lutas econômicas por melhores condições de trabalho e salários são suficientes para a formação da consciência de classe revolucionária? Para Lênin, não. Contrário à política *tradeunionista*, cuja tese era a da espontaneidade da promoção da consciência de classe do proletariado no envolvimento direto com as lutas

econômicas, Lênin compreendia que a agitação e organização dos trabalhadores precisam ser de caráter político e consciente.

[...] o erro fundamental de todos os «economistas», a saber: a convicção de que se pode desenvolver a consciência política de classe dos operários a partir de dentro, por assim dizer, da sua luta econômica, isto é, tomando unicamente (ou, pelo menos, principalmente) esta luta como ponto de partida, baseando-se unicamente (ou, pelo menos, principalmente) nesta luta. (LÉNINE, 1977b, p. 47).

Para o líder bolchevique, o espontaneísmo, por ser economicista, era de curto alcance, pois reivindicava conquistas trabalhistas nos moldes capitalistas. O proletariado precisava reivindicar além das questões relacionadas às relações de trabalho e salariais. Os comunistas, enquanto vanguarda dos partidos proletário, deveriam assumir e organizar os trabalhadores coletiva e politicamente para avançar no processo de construção da revolução socialista. O bolchevismo, historicamente, se constituiu em torno dessas estratégias, de organizar e impulsionar consciente e politicamente as mobilizações de massas para derrotar o tzarismo e para a lutar pelo poder e construir um partido de classe essencialmente revolucionário. Nas palavras de Lênine (1977b, p. 47),

[...] chegámos a esta conclusão partindo unicamente da necessidade premente que a classe operária tem de conhecimentos políticos e de educação política. [...] «Todos estão de acordo» que é necessário desenvolver a consciência política da classe operária. Pergunta-se, como fazê-lo e o que é necessário para o fazer? A luta econômica «leva» os operários a pensar unicamente nos problemas relacionados com a atitude do governo em relação à classe operária; por isso, por mais que nos esforcemos na tarefa de «imprimir à própria luta econômica um carácter político», nunca poderemos, dentro dos limites de tal tarefa, desenvolver a consciência política dos operários (até ao grau de consciência política social-democrata) porque esses próprios limites são estreitos.

A consciência política de classe vem de fora da luta econômica, além das relações produtivas e salarias entre trabalhadores e patrões, segundo Lênin. A vanguarda do proletariado tem o papel formativo, por isso, deve assumir o compromisso de educar politicamente os trabalhadores com teoria social e cultura proletária. Nesse sentido, o partido seria a ferramenta, que por meio da agitação política, da propaganda socialista e, sobretudo, da intervenção direta na organização das lutas, poderia acelerar a experiência prática dos revolucionários. A tarefa partidária deve ser permanente e nunca perder de vista a transformação radical da sociedade.

É nosso dever sempre intensificar e ampliar nosso trabalho e influência entre as massas. [...] Em grande medida, o propósito de nossa estrita separação como um partido distinto e independente do proletariado consiste no fato de que nós sempre e indubitavelmente conduzimos este trabalho marxista de elevar toda a classe trabalhadora, tanto quanto possível, ao nível da consciência social-democrata, não permitindo que

ventos políticos, ainda menos mudanças políticas de cenário, nos afastem dessa tarefa urgente. [...] Esse trabalho, como dissemos, é sempre necessário. Depois de cada revés, devemos nos lembrar, e enfatizar, que a fraqueza no trabalho é *sempre* uma das causas da derrota do proletariado. Da mesma maneira, devemos sempre prestar atenção nisso e enfatizar sua importância depois de cada vitória, do contrário a vitória será apenas aparente, seus frutos não estarão assegurados, seu significado real na grande luta pelo nosso objetivo definitivo será insignificante e pode até se provar adverso (particularmente se uma vitória parcial afrouxar nossa vigilância, acalmar nossa desconfiança de adversários duvidosos e nos fizer esquecer o momento correto para um ataque renovado e mais vigoroso contra o inimigo). (LÊNIN, 1962).

Dessas orientações de Lênin podemos compreender que a vanguarda (aqui entendida como direção de classe) possui papel fundamental. Ela precisa alcançar a todas as classes sociais (e frações de classe), se estiver comprometida com a revolução e com o desenvolvimento integral da consciência política de classe. Para tanto, o partido precisa se assumir como teórico, propagandista e organizador para educar, organizar e dirigir a classe na construção do processo revolucionário.

Devemos educar toda a classe de trabalhadores assalariados para o papel de combatentes pela emancipação da humanidade de toda opressão. Devemos constantemente ensinar mais e mais seções dessa classe; devemos aprender a abordar os membros mais atrasados, mais subdesenvolvidos desta classe, aqueles que são menos influenciados pela nossa ciência e pela ciência da vida, de modo a poder falar com eles, aproximar-se deles, erguê-los constante e pacientemente ao nível da consciência social-democrata, sem fazer um dogmas eco de nossa doutrina – ensiná-los não apenas a partir de livros, mas através da participação na luta diária pela existência dessas camadas atrasadas e não desenvolvidas do proletariado. (LÊNIN, 1962).

Disso notamos a reiterada defesa da necessidade do partido se tornar uma instituição formativa do proletariado, para melhor dirigi-lo na luta contra a autocracia czarista e contra o capitalismo. Essa formação política deve, portanto, ir além da defesa de suas necessidades materiais imediatas (ou seja, da luta econômica e trabalhista), mas para um horizonte político, em busca da construção e conquista do processo revolucionário.

Cabe ressaltar, nesse contexto, que Lênin e Rosa Luxemburgo fazem parte de um mesmo marxismo, ainda que tenham aproximações e distanciamentos do pensamento entre eles, a luta de todos gravitava em torno da social-democracia e da luta de classes, uns defendendo a mudança por dentro e outro por meio da revolução. Tanto Lênin quanto Rosa Luxemburgo acreditavam que a consciência de classe era uma questão de prática. A espontaneidade e a consciência, para Rosa Luxemburgo, são processos dialéticos que se constroem no cotidiano e na luta revolucionária. Acredita que a transformação de um sistema capitalista para o socialista passava necessariamente por tal consciência, pela luta cotidiana e experiência diária, não era algo abstrato, era espontâneo porque os trabalhadores se

levantariam ante a uma situação de opressão. Tal situação era chamada por ela de verdadeira conscientização, marcada por ausência total de algum tipo de liderança e de direção. Ele compreende, contudo, que numa sociedade capitalista o assalariado estará sempre cativo a um determinismo econômico, pois não há alternativa a não ser buscar meios de subsistência.

Em síntese, Lênin e Rosa Luxemburgo tinham pontos em comum, ambos formaram na base da social-democracia à época e ambos tiveram influência do movimento operário e se opunham ao revisionismo do movimento operário antes da primeira guerra mundial. Assim, o que os uniam eram as teses do reformismo e a inimizade com os revisionistas. A divergência, por sua vez, estava ligada à qual via seguiriam ao optar pela revolução ocorrida em tal contexto, voltada para o movimento operário.

A controvérsia que tinham era porque no entendimento de Lênin que guerras de tendência nacionalistas, por exemplo, instaurava a democracia e, portanto, o proletário deveria participar, pois a democracia seria uma etapa obrigatória na luta pelo socialismo. Rosa de Luxemburgo discordava desse pensamento de Lênin, pois acredita que tudo era apenas uma concepção e enquanto existisse estado capitalista, uma política imperialista universal que molde a vida de estados e o direito dos trabalhadores, em tempo de guerra ou não, não haveria lugar para uma guerra nacional de defesa de qualquer política socialista, seja, não cabia a visão de Lênin, à qual era contrária.

Assim, com suas contribuições Rosa de Luxemburgo deu início à ruptura ao contexto da social-democracia alemã principalmente no que diz respeito a conceitos como organização dos movimentos revolucionários, consciência de classe, espontaneidade revolucionária e conscientização, por exemplo.

II

Nota-se dos textos pré revolucionários que a educação possui caráter político, características que são evidenciadas também nos escritos leninianos de 1920. Já enquanto líder da Rússia revolucionária, os escritos de Lênin que tratam da instrução pública apresentam a educação como um projeto de formação humana, pensado no presente para o futuro. A formação das novas gerações se torna uma questão central para os rumos da revolução: “[...] como prepará-la [a juventude] para que seja capaz de acabar de construir e completar aquilo que nós começamos[?]”. (LÊNIN, 2011, p. 367). A revolução de 1917 não é obra acabada, fechada em si mesma, senão o início do processo revolucionário. A luta contra o que restou da nobreza russa, contra a burguesia nacional e o capital continuava e deveria ser travada com afinco no campo material e ideológico. Nos textos, de 1920, o partido ainda aparece como importante entidade formativa do proletariado, enquanto a juventude aparece como nova protagonista no processo, como a geração que levará a cabo a construção da sociedade comunista. O binômio educação-política se mantém como fundamento do processo formativo e da luta de edificação revolucionária.

Num momento como este da luta devemos defender a edificação revolucionária, lutar contra a burguesia tanto pela via militar como mais ainda pela via ideológica, pela via da educação, a fim de que os costumes, hábitos e convicções que a classe operária adquiriu no decurso de muitos decênios de luta pela liberdade política, a fim de que toda a soma destes costumes, hábitos e ideias sirva de instrumento de educação de todos os trabalhadores; e a tarefa de resolver a questão de como precisamente educar recai sobre o proletariado. (LÊNINE, 1977a).

A preocupação com a formação das crianças e jovens soviéticas denota a educação política e a política como ferramenta educativa. Seus escritos indicam a construção de uma nova educação para uma nova sociedade. A escola da classe trabalhadora para a classe trabalhadora, enquanto espaço formativo, não pode ser a mesma escola burguesa. Portanto, a formação não pode estar dissociada da tarefa revolucionária de edificar a sociedade comunista.

Na República Soviética operária e camponesa, toda a organização da instrução, tanto no domínio da instrução política em geral, como, mais especialmente, no domínio da arte, deve estar impregnada do espírito da luta de classe do proletariado pela realização vitoriosa dos objectivos da sua ditadura, isto é, pelo derrubamento da burguesia, pela supressão das classes e pela eliminação de toda a exploração do homem pelo homem. Por isso o proletariado, tanto através da sua vanguarda, o partido comunista, como através de toda a massa de todo o tipo de organizações proletárias em geral, deve participar do modo mais activo e principal em toda a obra da instrução pública. (LÊNINE, 1977c).

Portanto, para ser comunista, precisa aprender sobre o comunismo. E como aprender o comunismo? Para Lênin, em primeiro lugar, deve-se renunciar à assimilação livresca, fundamentada no divórcio entre o livro e a prática social, ao trabalho e a revolução. “Só pode aprender o comunismo se ligar cada passo do seu estudo, da sua educação e da sua formação à luta incessante dos proletários e dos trabalhadores contra a velha sociedade exploradora.” (LÊNIN, 2011, p. 373). Ao mesmo tempo, deve-se garantir que seja ensinado aos filhos da classe trabalhadora o que há de mais avançado em termos de conhecimentos produzidos pela humanidade.

Os nossos discursos e artigos de agora não são uma simples repetição daquilo que se disse antes sobre o comunismo, pois os nossos discursos e artigos estão ligados ao nosso trabalho quotidiano e multilateral. Sem trabalho, sem luta, o conhecimento livresco do comunismo, adquirido em brochuras e obras comunistas, não vale absolutamente nada, porque prolongaria o antigo divórcio entre a teoria e a prática, esse antigo divórcio que constituía o mais repugnante traço da velha sociedade burguesa. (LÊNIN, 2011, p. 368).

Em segundo lugar, o proletariado deve saber o que tomar da velha escola. Compreender o que aproveitar passa pela necessidade de conhecer as suas principais características e problemas delas advindos. A velha escola correspondia aos interesses de classes, aos quais estava submetida nas relações sociais e de produção capitalista. A

formação por ela ofertada estava de acordo com as necessidades e demandas da (re) produção do capital. Os interesses capitalistas subordinavam toda a potencialidade da educação à preparação de crianças e jovens para serem úteis na produção de valor e na manutenção das relações estranhadas de produção, que o trabalho humano estava submetido.

A velha escola declarava que queria criar homens instruídos em todos os domínios e que ensinava as ciências em geral. Sabemos que isso era pura mentira, pois toda a sociedade se baseava e assentava na divisão dos homens em classes, em exploradores e oprimidos. Como é natural, toda a velha escola, estando inteiramente impregnada de espírito de classe, só dava conhecimentos aos filhos da burguesia. Nessas escolas, a jovem geração de operários e camponeses não era tanto educada como treinada no interesse dessa mesma burguesia. Educavam-nos para preparar para ela servidores úteis, capazes de lhe dar lucros, e que ao mesmo tempo não perturbassem a sua tranqüilidade e ociosidade. Por isso, ao rejeitar a velha escola, propusemo-nos a tarefa de tomar dela apenas aquilo que nos é necessário para conseguir uma verdadeira formação comunista. (LÊNIN, 2011, p. 368).

Os escritos de Lênin nos conduzem ao entendimento que a escola não é um mal em si. Seus efeitos sociais perniciosos estão relacionados ao seu uso classista. Por isso, há de se resgatar as potencialidades da instrução institucionalizada e colocar à disposição dos filhos da classe trabalhadora todos os conhecimentos científicos e filosóficos produzidos pela humanidade. Esses conhecimentos a serviço dos interesses da classe trabalhadora contribuirão para elaboração de uma cultura proletária autônoma e revolucionária, contudo, não apartada da cultura historicamente produzida pela humanidade. A cultura proletária é fruto da elaboração consciente dos conhecimentos produzidos pela humanidade e colocados a serviço dos interesses da classe trabalhadora. O marxismo é um exemplo disso: uma teoria social a serviço da classe trabalhadora elaborada a partir do que havia de mais avançado na ciência e na filosofia burguesa do século XIX – filosofia alemã, economia política inglesa e socialismo francês. (LÊNIN, 2020).

O marxismo conquistou a sua significação histórica universal como ideologia do proletariado revolucionário porque não repudiou de modo algum as mais valiosas conquistas da época burguesa, mas, pelo contrário, assimilou e reelaborou tudo o que houve de valioso em mais de dois mil anos de desenvolvimento do pensamento e da cultura humanos. Só o trabalho efectuado nessa base e nesta mesma direcção, inspirado pela experiência prática da ditadura do proletariado como sua última luta contra toda a exploração, pode ser considerado como o desenvolvimento duma cultura verdadeiramente proletária. (LÉNINE, 1977c).

Em busca de síntese, compreende-se que nos escritos de Lênin, a consolidação do processo revolucionário comporta a conquista e a ressignificação da escola burguesa aos filhos da classe trabalhadora. Uma escola de novo tipo, que oferte uma formação nova para os novos sujeitos da nova sociedade que nascia. O novo não elimina e desconsidera tudo que há no velho, mas é a ressignificação e assunção do que havia de mais avançado na escola

burguesa. O conhecimento, científico e filosófico, que outrora usado para a manutenção das relações sociais de produção de dominação e exploração do proletariado, deve estar a serviço da plena emancipação da classe trabalhadora. Tal como sugere Marx (2010, p. 156) em “Crítica da filosofia do direito de Hegel”, “[...] assim como a filosofia encontra suas armas materiais no proletariado, o proletariado encontra na filosofia suas armas espirituais.” Por isso, a defesa intransigente da instrução pública e da apropriação de tudo que há de mais avançado no campo do conhecimento pelo proletariado.

Como visto anteriormente, a educação deve estar intimamente relacionada a prática social. Nos escritos de Lênin pós-revolução, a (re) educação, enquanto projeto de formação humana, se relaciona com a tarefa histórica da juventude socialista, que era a de edificar a sociedade comunista, a qual só seria possível em posse dos conhecimentos científicos e filosóficos historicamente disponíveis. A educação na obra de Lênin, seja partidária ou/e escolar, possui forma e conteúdo de um instrumento social útil e necessário à classe trabalhadora, pois permitiria o encontro do proletariado com as suas armas espirituais necessárias para a derrocada do capitalismo e a construção de uma sociedade sem classes.

As massas trabalhadoras, as massas de camponeses e operários devem vencer os velhos hábitos da intelectualidade e reeducar-se para construir o comunismo - sem isso não é possível iniciar a obra de construção. Toda a nossa experiência mostra que esta obra é demasiado séria, e por isso não devemos perder de vista o reconhecimento do papel predominante do partido, e não podemos eludi-lo ao discutir a questão da actividade e da construção organizativa. (LÉNINE, 1977a).

O que podemos notar até aqui é a íntima relação entre educação e política nos escritos de Lênin. Eles expressam a educação como meio para fins políticos e a política como ferramenta educativa. Trata-se de um pensamento educacional marxista comprometido com a luta do proletariado contra as desmedidas do capital e com a construção do processo revolucionário pelos trabalhadores. Ainda que elaborado em situações históricas específicas, primeiras décadas do século XX, enquanto clássico nos deixa um legado a ser considerado.

Resumido, o pensamento educacional de Lênin expressa cinco pontos fundamentais para as organizações políticas do proletariado da atualidade (re) pensar a formação da classe trabalhadora: [1] a juventude precisa se tornar conscientes das condições e dos objetivos da luta disciplinada contra o capital e pela construção da revolução socialista; [2] a obra de construção de uma nova sociedade é demasiada séria e requer uma formação humana comprometida com os interesses de classe do proletariado, que tenha a revolução como um ideal a ser alcançado; [3] a educação (escolar ou não) não pode estar separado, ideal ou programaticamente, da luta política da classe trabalhadora contra o capital; [4] a educação deve ser capaz de conferir ao proletariado uma formação humana que permita a constituição de um pensamento classista e uma cultura proletária capaz de se reproduzir em condições de autonomia intelectual; [5] toda experiência histórica mostra o papel preponderante e

fundamental das organizações de representação de classe dos trabalhadores, quanto ao caráter educativo, formativo e organizativo do proletariado.

Nosso texto não esgota as contribuições teóricas de Lênin para as críticas da educação e da escola burguesa. Longe de aspirar tal objetivo, buscamos indicar elementos que consideramos importantes para os interessados na obra do líder bolchevique iniciar e aprofundar os seus estudos. Trata-se de abrir o caminho para o conhecimento da vasta obra de Lênin e não encerrar conclusões e considerações definitivas sobre a mesma. Entendemos que Lênin foi um pensador de obra rica e vasta que merece estudos sistematizados e aprofundados, haja vista a vitalidade que o seu legado teórico tem demonstrado ao longo dos anos com críticas à sociedade capitalista e contribuições para o processo de organização da luta do proletariado pela revolução socialista.

REFERÊNCIAS

ENGELS, F. Prefácio [ao *As lutas de classes na França de 1848 a 1850*, de Karl Marx (1895)]. In: MARX, K. **As lutas de classes na França de 1848 a 1850**. Tradução Nélcio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2012.

FREITAS, F. M. C. **Lênin e a educação política: domesticação impossível, resgate necessário**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

LÊNIN, V. I. As tarefas das uniões da juventude. **Revista HISTEDBR On-line**. Campinas, núm. esp., abr. 2011. Disponível em: <https://bityli.com/ecpiJnIU>. Acesso em: 08 ago. 2020.

LÊNIN, V. I. As três fontes e três partes componentes do marxismo. In: LÊNIN, V. I. **Lênin 150**. São Paulo: Expressão Popular, 2020.

LÊNIN, V. I. **Sobre a confusão entre política e pedagogia**. Tradução de Gabriel Lazzari e Gabriel Landi Fazzio. Moscou: Foreign Languages Publishing House, 1962. Disponível em: <https://bityli.com/VDrKqIHm>. Acesso em: 08 ago. 2020.

LÉNINE, V. I. Discurso na Conferência de toda Rússia dos Comitês de Instrução Política das secções de Gubérnia e Uezd da Instrução Pública. In: LÉNINE, V. I. **Obras Escolhidas**. Tomo 3. Lisboa: Avante, 1977a. Disponível em: <https://bityli.com/ESoiqWQC>. Acesso em: 08 ago. 2020.

LÉNINE, V. I. Que fazer?: questões candentes de nosso movimento. In: LÉNINE, V. I. **Obras Escolhidas**. Tomo 1. Lisboa: Avante, 1977b. Disponível em: <https://bityli.com/KsmfZrYu>. Acesso em: 08 ago. 2020.

LÉNINE, V. I. Sobre a cultura proletária. In: LÉNINE, V. I. **Obras Escolhidas**. Tomo 3. Lisboa: Avante, 1977c. Disponível em: <https://bityli.com/GsuMKpLcG>. Acesso em: 08 ago. 2020.

LUKÁCS, G. **Lênin**. Um estudo sobre a unidade de seu pensamento. São Paulo: Boitempo, 2012.

MARX, K. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**. Tradução de Rubens Enderle e Leonardo de Deus. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2010.

PRZEWORSKI, A. A social-democracia como um fenômeno histórico. *In*: PRZEWORSKI, A. **Capitalismo e social-democracia**. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

AUTORIA:

* Doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Professor da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia. Contato: lucenabonsais@gmail.com

** Doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Maringá. Professor do Instituto de Ciências Humanas do Pontal e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia. Contato: mario.netto@ufu.br

*** Doutorado em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Professor da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia. Contato: rlf Franca@ufu.br

**** Doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo. Professora da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia. Contato: adriana.omena@ufu.br

COMO CITAR ABNT:

LUCENA, C. A. *et al.* Educação e política na obra de V. I. Lênin. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 22, p. 1-17, 2022. DOI: 10.20396/rho.v22i00.8667198. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8667198>. Acesso em: 9 nov. 2022.

Notas

¹ Ainda que se fale em crise do marxismo, isso não é algo consensual, pois o marxismo não passa por uma crise que envolva uma tradição e seus embates internos. Primeiro porque marxismo teve esteve no centro de críticas e sempre se apresentou internamente diversas contradições.

² A vitória das teses de Lênin no II Congresso do POSDR levou ao surgimento da denominação **bolcheviques** (“maioria” na língua russa) para a corrente liderada por ele. Os seus opositores, ficaram conhecidos como **mencheviques** (“minoría”). As principais diferenças entre as duas tendências estavam na forma da organização do Partido e na concepção teórica sobre o desenvolvimento da consciência de classe do proletariado.